

# CARTOGRAFIAS IDENTITÁRIAS DE CUIABÁ E MATO GROSSO

## IDENTIDAD CARTOGRAFÍAS CUIABÁ Y MATO GROSSO

Fernando Tadeu de Miranda Borges<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este ensaio ressalta alguns aspectos das cartografias identitárias de Cuiabá e Mato Grosso, na segunda metade do século XX, com fundamentos atemporais no que diz respeito ao significado de lugar, não-lugar, lugar, surgido num sopro da identidade possível das movimentações no tempo e espaço cuiabano-mato-grossense-brasileiro das décadas de 60, 70 e 80. Foi escolhida a segunda década do século XX, em decorrência da criação da Universidade Federal de Mato Grosso, em 10 de dezembro de 1970, e que a partir de 1971, com a sua instalação, haver estimulado a vinda de docentes e discentes de vários lugares. Observa ainda que todo desenvolvimento que se pretenda implementar em uma determinada cidade precisa respeitar o desejo do lugar, não-lugar, lugar, hoje presente na maioria das cidades mato-grossenses, devido às transformações.

**Palavras-Chave:** Identidades. Cartografias. Cuiabá. Mato Grosso.

**RESUMEN:** Este documento pone de relieve algunos aspectos de las asignaciones de identidad y Cuiabá Mato Grosso, en la segunda mitad del siglo XX, con conceptos básicos atemporales con respecto al significado de lugar, no lugar, lugar, apareció en una nube de posible identidad de los movimientos en tiempo y espacio Cuiabá-Mato Grosso-Brasil a partir de

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós Graduação em História, do Programa de Pós Graduação em Agronegócios e Desenvolvimento Regional e do Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), da Sociedade de Amigos de Rondon e da Academia Mato-Grossense de Letras (AML).

los años 60, 70 y 80. la segunda década del siglo XX fue elegido debido a la creación de la Universidad Federal de Mato Grosso, el 10 de diciembre de 1970, y que desde 1971, con la instalación, se anima a los profesores y estudiantes procedentes de diversos lugares. Observa además que cualquier desarrollo que se ejecutará en una ciudad en particular debe respetar el deseo del lugar, no lugar, lugar, presente hoy en la mayoría de ciudades de Mato Grosso, debido a las transformaciones.

**Palabras-clave:** Identidades. Cartografías. Cuiabá. Mato Grosso.

Aos primeiros cuiabanos e mato-grossenses, cuiabanos e mato-grossenses filhos de filhos de brasileiros do Centro Sul, Nordeste, Norte, Centro-Oeste e Sul, e cuiabanos e mato-grossenses filhos de filhos de estrangeiros.

Segundo Darcy Ribeiro, “O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, eticamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da inguendade de não-índios, não-europeus e não-negros, que eles se vêem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira.” (RIBEIRO, 1995, p. 131). E, assim, também parece ter acontecido com a identidade étnica cuiabana, com baliza inicial no período entre a fundação da vila e a fundação da capitania de Mato Grosso (1719-1748), em seguida, com a cuiabana e a mato-grossense, de 1748 a 1835, período compreendido entre a criação da capitania de Mato Grosso e a transferência da capital, de Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso, para Cuiabá; depois, de 1835 a 1977, de Cuiabá como capital de Mato Grosso à segunda divisão do Estado, com a criação de Mato Grosso do Sul e, por fim, de 1977 a 2014, período de Mato Grosso dividido aos dias atuais.

Cabe ressaltar que, em 2006, compartilhei algumas inquietações em um ensaio publicado no *site* do Conselho Federal de Economia (COFECON), e que resolvi, tendo em vista atender ao convite do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IHGMT), repensá-lo, tendo em conta o argumento de Darcy Ribeiro (1995, p. 12) de que um trabalho de reflexão sempre pode ser continuado, e, mesmo assim, nunca se completa, com algumas observações sobre a cartografia identitária cuiabana e mato-grossense.

Para fazer uma cartografia cuiabana e mato-grossense teria, inicialmente, que mapear os vários tempos da história econômica, social e política, constituindo-se numa tarefa de demorada execução para os

propósitos de um ensaio, e por isso a opção foi por uma argumentação a partir da segunda metade do século XX, e com fundamentos atemporais no que dissesse respeito ao significado de lugar, não-lugar, lugar, surgido num sopro da identidade possível das movimentações no tempo e espaço cuiabano-mato-grossense-brasileiro das décadas de 60, 70 e 80 do século passado.

Foi escolhido o período da segunda década do século XX, em decorrência da criação da Universidade Federal de Mato Grosso, em 10 de dezembro de 1970, que a partir de 1971, com a sua implantação, trouxe um grande número de docentes e discentes para Cuiabá, e pelo fato também da presença maior, nesse período, de colonizadores de outras regiões do Brasil, que compraram terras em Mato Grosso, instalaram-se na região, e criaram novos municípios, ampliando, o mapa das cartografias identitárias do Estado.

Cabe registrar que, em 1977, Mato Grosso perdera uma parte de suas terras com a criação de Mato Grosso do Sul, pelo Presidente Ernesto Geisel, através da Lei Complementar de n. 31, e Cuiabá, na ocasião, teve de continuar com a incumbência de zelar dos 38 municípios mato-grossenses, que ficaram sob sua guarda, na condição de capital, de um total de 93 municípios. Esta, no entanto, não foi a primeira vez que Mato Grosso, na sua cartografia territorial, perdeu parte de suas terras, pois, em 1943, pelo Decreto de n. 5.812, o presidente da República Getúlio Vargas criou o Território Federal do Guaporé que, em 1956, pela Lei n. 2.731, teve o nome mudado para Território Federal de Rondônia, em homenagem ao mato-grossense Cândido Mariano da Silva Rondon; e no ano de 1981, através da Lei Complementar n. 41, do presidente da República João Figueiredo, transformou-se no Estado de Rondônia.

Nas duas situações, a cartografia territorial de Mato Grosso sofrera grandes perdas, e ainda assim, Cuiabá, capital do Estado, com a determinação que lhe fora sempre peculiar, conseguiu superar as adversidades. No caso da divisão de Mato Grosso, ocorrida em 1977, as dificuldades vivenciadas em termos econômicos lembram as vivenciadas em 1870, no que diz respeito ao rumo cartográfico do setor produtivo.

O ano de 1870 marcou, em Mato Grosso, o fim da Guerra do Paraguai, a intensificação do comércio de importação e exportação, com a reabertura da navegação pelo Rio Paraguai, e o fortalecimento da economia provincial, depois estadual. Como resultado, novas cartografias de produção acabaram sendo estabelecidas, trazendo um alento aos ânimos dos mato-grossenses, que por conta da referida guerra,

das dificuldades de abastecimento, da carestia e das doenças precisavam ser reanimados, e nesse ponto a observação de que o governo central apoiou o governo provincial para que as dificuldades fossem superadas. No transcorrer, também o setor produtivo mato-grossense buscou suas próprias alternativas, com a exploração da borracha, da ipecacuanha, da erva-mate etc. E, com isso, pode-se deduzir que a cartografia da produção econômica mato-grossense, de 1870 a 1930, teve importância fundamental para o reerguimento de Cuiabá e de muitas cidades da província, depois estado, que passavam nesse período por sérias dificuldades.

Transcorridos cem anos, em 1970, com a criação da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá novamente encontrou alternativas para poder enfrentar as dificuldades que vieram a surgir com a divisão do estado de Mato Grosso, em 1977, embora, inicialmente marcada por um sentimento de “dignidade ultrajada”, segundo registrou Eugênia Coelho Paredes (1983, p. 159-161). Para o governador da época, Pedro Pedrossian (1966-1971), num discurso pronunciado em 10 de dezembro de 2010, por ocasião da comemoração de aniversário dos quarenta anos da Universidade Federal de Mato Grosso, data em que foi agraciado com o título de *Doutor Honoris Causa*,

Voltando ao MATO GROSSO de 40 anos atrás deparamo-nos com a dura realidade: Não passávamos de meros EXPORTADORES das nossas matérias-primas, e com elas iam as nossas maiores inteligências em busca da formação universitária.

Essa EXPORTAÇÃO empobrecia o velho Mato Grosso.

Lembro-me da primeira reunião de trabalho, já como Governador, onde mandei priorizar o ENSINO, porque dele nasceriam os homens que seriam os responsáveis pelas profundas transformações em todos os setores da vida mato-grossense.

Diante dessa realidade criamos o Instituto de Ciências e Letras que, junto com a Faculdade Federal de Direito, formaram o embrião da Universidade Federal do Mato Grosso em 10/12/1970. O amigo Gabriel Novis Neves foi o primeiro Reitor.

Essa foi a semente que germinou esta UNIVERSIDADE. Ela nasceu sob o signo da criação do NOVO HOMEM sobre o qual estaria depositada a responsabilidade de multiplicar o saber por esses emissários da aurora dos novos tempos que todos sonhávamos.

Fiz essa introdução para lhes dizer que, decorridos 40, a maior

arma de qualquer revolução não pode ser outra, senão a da EDUCAÇÃO.

A UNIVERSIDADE FEDERAL foi o marco zero e DECISIVO para as mudanças que nunca mais deixaram de acontecer, até colocar este gigante em pés de igualdades em relação a todos os demais Estados brasileiros.

Gabriel, você foi o jardineiro da nossa sementinha e depois sucedido por outros Reitores entusiasmados e compromissados com a qualidade de ensino que fizeram desta Universidade uma referência nacional aos seus formandos. [...]

Fazendo um balanço sobre esses 40 anos que se passaram em nossas vidas, posso lhes garantir que, entre nossas grandes obras como as estradas que rasgaram este Estado; a energia que iluminou nossas cidades e outras grandes realizações, nenhuma foi tão importante, tão significativa e tão profunda quanto esta UNIVERSIDADE. [...]

Obrigado professora Maria Lúcia Cavalli Neder, nossa Magnífica Reitora, por ter captado o meu sonho.

Na Universidade Federal de Mato Grosso, o Curso de História Natural contou nos seus anos iniciais, em 1967, com uma acadêmica muito especial, vinda do Paraná, e que aqui aportou, fixando residência no bairro Porto, no ano de 1965, a poeta Lucinda Nogueira Persona. Em 1973, Lucinda Persona tornou-se, pelos próprios méritos, docente da Universidade Federal de Mato Grosso e, em 1999, com a aposentadoria, docente da Universidade de Cuiabá.

Lucinda Persona foi quem escolhi para a homenagem a todas as pessoas que em Mato Grosso decidiram viver “por imenso gosto”, como faz questão de poetar. No poema inédito, gentilmente cedido, *Caminhando pela cidade*, Lucinda Persona, assim se expressa sobre a sua identidade com o lugar, não-lugar, lugar, “Cuiabá/chão de ouro e cascalho/sobre o qual vivo/e teço a invisível trama/dos meus passos./Jamais serão inúteis/esses passeios repetidos,/o mapeamento silencioso/daquilo que vejo e não se repete./Cuiabá/caminho de calma que percorro/numa cuidadosa viagem/de pessoa comum, aprendiz das curvas/persona desconhecida./Sigo sob a luz vigorosa do sol/entre a farta folhagem sigo/com pensamentos simples/olhando para todos os lados/resumindo ou redizendo Pessoa./O que vejo a cada instante/será sempre diferente do já visto./Vejo e sigo/ambulante desfocada e

solitária/caminhando pela cidade/como quem anda por uma cidade mesmo./”

Trago esse poema de Lucinda Persona para mostrar que Cuiabá e Mato Grosso apresentam-se na história com cartografias identitárias que transformam-se o tempo todo, vindo desse movimento a maior riqueza que possuem, e a disposição para que uma pessoa pudesse tomar a decisão de ficar num lugar, não-lugar, lugar, pelo puro prazer de ficar. E nesse sentido, Augé (1994, p. 110) parece ter razão ao expressar-se que “É no anonimato do não-lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos humanos”, sendo preciso, portanto, registrar algo pulsante da experiência vivida por Lucinda Persona (entrevista concedida a Fernando Tadeu de Miranda Borges, em 19 de agosto de 2000) nesse lugar, não-lugar, lugar, que tornou-se o lugar para todas as pessoas que tiveram um dia que tomar essa decisão:

O tempo foi passando, várias páginas ficaram para trás, estudei, casei, mudei, voltei, trabalhei, vivi e vivi, tive um único filho que logo morreu e está enterrado em Piedade, coração do solo cuiabano, cercado por outras cinzas, cercado pela vida do lado de fora, pela vida dessa cidade, cada vez mais agitada e alargada, uma cidade cheia de forasteiros, pessoas que buscam preencher o vazio com o futuro, com mil atividades. É natural que neste fluxo, cheguem os de baixo de guerra, todas as vezes que escuto ou leio um destes pontos de vista sobre o sentimento cuiabano relembro e revendo minha chegada com imensa satisfação de ter vindo e totalmente cuiabanizada, daqui não saio, ou melhor, apenas para dar uma voltinha pelo mundo. Acredito que muitas vezes superdimensionamos nossos *locus* sem atentarmos para coisas mais relevantes ligadas ao fraterno e ao humano, creio que não é importante nascer aqui ou ali, nos polos, no Equador ou nos trópicos, importante é amar onde se vive, construindo a pátria ao redor.

Com relação ao lugar, não-lugar, lugar, em se tratando de Nova York, “Big Apple”, a presença do imigrante tem sido sempre referenciada, o que fez com que a cidade ficasse conhecida no mundo como “multicultural.” Foi mais ou menos em meados do século XIX que Nova York começou a receber grupos étnicos de todos os lugares, destacando-se, na cidade, a forte presença de italianos, alemães, irlandeses, ingleses, judeus, brasileiros, entre outros. A busca pelo sucesso profissional, por oportunidades de emprego, pela própria atração da cidade são explicações que podem justificar a presença de tanta diver-

cidade étnica. Nova York não para de exercer fascínio nas pessoas que gostam de cinema, teatro, museus, cultura etc. Nova York parece ser um caso a parte nos Estados Unidos da América pela pujança e pelo símbolo de um lugar, não-lugar, lugar, centro do mundo.

Em, tratando-se de São Paulo, pessoalmente, pude constatar o significado do imigrante para a cidade, quando ali morei durante alguns anos, por duas vezes. A presença de italianos, judeus, japoneses, sírio-libaneses, alemães, marcou a cartografia da cidade, e a migração de brasileiros de todas as regiões do país continua a impressionar. A importância do nordestino na economia de São Paulo tem um especial significado na sua cartografia econômica, social e política. Com universidades, hospitais, cinemas, museus, restaurantes do mundo inteiro, a cidade de São Paulo, em alguns momentos, pode ser comparada à cidade de Nova York. São Paulo tem o maior parque industrial do Brasil e congrega uma das maiores e mais importantes universidades da América Latina que é a Universidade de São Paulo. Na realidade, também um lugar, não-lugar, lugar, e que por si só lembra um grande laboratório comunitário, ao contemplar muito do que aborda Augé (1994, p. 98-105): “Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. [...] Lugares e não-lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. [...] Na coexistência dos lugares e não-lugares, o obstáculo será sempre político.”

Nova York e São Paulo são lugares, não-lugares, lugares. Logo, os lugares, não-lugares, lugares acabam transformando-se de forma permanente, e isso devido à presença de muitas cartografias identitárias. Na Cuiabá de antes da divisão de Mato Grosso, ocorrida em 1977, a defesa era a do lugar, não-lugar, lugar. Comparo nesse processo, o lugar pequeno a uma casa pequena, com a senzala, e o lugar grande a uma casa grande, com diversas senzalas, bastante identificadas, nos dois casos, pela ausência de conexão, que constitui-se no obstáculo político que Augé (1994) alerta em sua constatação. E, segundo Darcy Ribeiro (1995, p. 130), “A assunção de sua própria identidade pelos brasileiros, como de resto por qualquer outro povo, é um processo diversificado, longo e dramático.”

Cabe, então, enfatizar, que todo desenvolvimento que se pretenda implementar em uma determinada cidade precisa respeitar o desejo do lugar, não-lugar, lugar, hoje presente na maioria das cidades mato-grossenses, devido às transformações. Mas, por que as pessoas que vivem num lugar, não-lugar, lugar, têm possibilidades de participarem

mais intensamente do processo da construção mundial? Em minha opinião, pela abertura para as diferentes cartografias identitárias. É interessante morar em lugares, não-lugares, lugares, onde as trocas culturais são maiores, e por isso a conquista do desenvolvimento aparentemente mais factível. É óbvio que nada cai do céu, e desde que o mundo é mundo toda riqueza gerada dependeu do trabalho. Só o trabalho foi capaz de gerar riquezas, portanto, não há outra saída que não seja pelo trabalho.

Alguns anos atrás, preocupado em entender por que o trem nunca chegou a Cuiabá, deparei-me com uma indagação instigante: como um lugar, não-lugar, lugar, Centro Geodésico e Geográfico da América do Sul, pode ser considerado isolado? E, após refletir sobre a questão, Alcir Lenharo (1982) parece ter fornecido algum alento a essa instigante questão ao observar que em Mato Grosso ocorreu o “reordenamento produtivo”, e que o isolamento apregoado nunca existiu, tratando-se de um “mito” criado pelas elites detentoras do poder na localidade. Deve-se, no entanto, observar que o processo de substituição de importações na economia mato-grossense não foi o mesmo imaginado por Maria da Conceição Tavares, quando abordou a primeira metade do século XX na economia brasileira. Mas, voltando ao que ficou conhecido como “mito do isolamento”, penso que seja interessante qualificar a tese lançada pelo Alcir Lenharo, pois, de acordo com a ciência econômica, a distância de um lugar consumidor em relação a um lugar produtor afetam, na maior parte das vezes, os preços finais dos produtos. No livro *Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870-1930)*, há o argumento de que: “A tese do isolamento, na historiografia recente, foi criticada e abandonada seja porque tal isolamento não ocorreu de forma absoluta, como pretendiam os autores tradicionais, seja porque em tais interpretações havia mais “mitos” do que fatos” (BORGES, 2010, p. 22). O tema continua sendo apreciado por vários estudiosos da historiografia econômica, com destaque para a pesquisa de Romir Conde Garcia (2003).

Retomando, então, a discussão do lugar, não-lugar, lugar, vale indagar o que tem o isolamento e o não isolamento a ver com todo esse debate? Tem que, um lugar, não-lugar, lugar, acaba por possuir a característica de não se isolar, e com isso os intercâmbios é que fornecem a cartografia das relações econômicas, sociais e políticas. E, se concordarmos que somos uns desterrados em nosso próprio lugar, como disse Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 31), no livro *Raízes do Brasil*, então o Brasil todo tem características de lugar, não-lugar,



lugar, vindo daí, talvez, esse espírito de liberdade que acabou por levar a comunhão dos mesmos espaços com cartografias identitárias, que renovam-se o tempo todo.

E, nesse sentido, tanto Cuiabá quanto Mato Grosso demonstram ao longo da história a capacidade de adaptação a diversas situações, tendo em conta a presença das várias cartografias identitárias na construção dos seus lugares, não-lugares, lugares, valendo, portanto, e muito, “esses passeios repetidos”, como cantou em prosa a poeta cuiabana-mato-grossense por adoção, Lucinda Persona. Parabéns Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso pelos seus noventa e cinco anos de participação efetiva na construção das cartografias identitárias de Cuiabá e Mato Grosso, e que venham logo as comemorações dos seus cem anos, em 2019!

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Do Extrativismo à Pecuária: algumas observações sobre a História Econômica de Mato Grosso (1870-1930)*. São Paulo: Scortecci, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Esperando o Trem: Sonhos e Esperanças de Cuiabá*. São Paulo: Scortecci, 2005.
- COFECON. Disponível em: <http://www.cofecon.org.br/>, consulta realizada em 4 de junho de 2014.
- MATO GROSSO. *Discurso pronunciado pelo ex-governador de Mato Grosso Pedro Pedrossian*, em 10 de dezembro de 1970, na Universidade Federal de Mato Grosso.
- GARCIA, Romyr Conde. *Mato Grosso (1800-1840): crise e estagnação do Projeto Colonial*. 2003. Tese (Doutorado em História – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LENHARO, Alcir. *Crise e Mudança na Frente Oeste de Colonização*. Cuiabá: UFMT, Imprensa da Universidade. PROEDI, 1982.
- PAREDES, Eugenia Coelho. *Parahyso Incoberto: a percepção da mudança nas condições de vida da cidade pelos habitantes da cidade*. 1983. Dissertação (Mestrado em Paisologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

PERSONA, Lucinda. *Caminhando pela Cidade*, poesia inédita cedida a Fernando Tadeu de Miranda Borges.

\_\_\_\_\_. *Entrevista concedida a Fernando Tadeu de Miranda Borges*, em 19 de agosto de 2000.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido de Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.